

# Estigmatização de profissionais de saúde

Ana Carolina Peuker  
João Gabriel Modesto

## 1. Entendendo o contexto

A natureza do trabalho coloca os profissionais de saúde em risco aumentado de contrair qualquer doença transmissível, incluindo o COVID-19. Esses profissionais de saúde ficam muito tempo próximos de pacientes contaminados, realizando atividades de alto risco. Essas atividades de alto risco, podem incluir colocar os pacientes em respiradores ou coletar amostras de expectoração de seus pulmões, por exemplo. Os equipamentos de proteção individual (EPIs), como máscaras, luvas e aventais, ajudam a manter enfermeiros e médicos em segurança quando tratam pacientes com doenças infecciosas como o COVID-19. Para se proteger contra o novo vírus, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) recomenda que os profissionais de saúde usem máscaras N95, que filtram partículas transportadas pelo ar e pequenas gotículas provenientes da saliva do paciente.

Os profissionais de saúde também correm risco se os pacientes com COVID-19 não forem identificados precocemente. Caso contrário, médicos e enfermeiros podem começar a tratá-los sem tomar as precauções necessárias, o que os deixa mais expostos à infecção e à propagação do vírus aos demais. Também é emocionalmente demandante para os profissionais de saúde terem que cuidar de seus colegas e vê-los, em algumas circunstâncias, se tornarem pacientes. Isso aumenta o estresse de trabalhar durante um surto de rápida evolução, em especial, quando a doença causa ansiedade e provoca mobilização na população geral. Durante a epidemia de SARS em 2002, os médicos relataram ter que enfrentar o estigma porque trabalhavam com pacientes doentes.

## Exemplo de caso

Mesmo trabalhadores do hospital que não estão diretamente em contato com os casos de COVID-19 passaram a ser hostilizados em suas comunidades ou quando utilizam transporte público e as pessoas percebem onde eles trabalham. Motoristas de aplicativo não atendem chamadas vindas do hospital, no prédio onde moram sugeriram que eles não utilizem o elevador, suas famílias optaram por um distanciamento social que os exclui. Muitos sentem-se desamparados e injustiçados, pois estão trabalhando pela saúde de todos e tem medo de ficarem doentes e não terem com quem contar. Estar sozinho em distanciamento social sobrecarrega-os com os cuidados com si e com a casa e com a mudança de rotina. Antes da pandemia trabalhar no hospital era valorizado em suas comunidades e famílias, mas depois da pandemia a estigmatização trouxe mais preocupações pessoais além daquelas trazidas pelas mudanças na rotina produzidas pela pandemia.

## 2. Identifique conceitos-chave

O atual contexto de pandemia frente ao COVID-19 pode favorecer a formação de estigmas sociais, fenômeno análogo ao preconceito que tem como característica o medo de se aproximar e interagir com o alvo do estigma. Um exemplo em escala global é a sinofobia (sentimento contra a China, seu povo ou sua cultura), em função dos primeiros casos no mundo terem sido identificados nesse país. Localmente, os profissionais da saúde que estão na linha de frente de combate à pandemia também têm sido alvo de estigmas, conforme mencionado no caso acima, o que tende a repercutir em sua saúde mental.

Grupos minoritários estigmatizados podem ter a função de “distraírem” as pessoas do foco nos riscos reais em uma situação de crise. Quando apenas parte de uma população é percebida como afetada ou “em risco”, outras pessoas podem erroneamente acreditar que não estão sob ameaça. Ao presumir que estão mais seguras do que os grupos estigmatizados, essas pessoas podem não tomar precauções de saúde pública recomendadas, comprometendo involuntariamente sua própria saúde e bem-estar.

Os profissionais de saúde podem ser afetados tanto pelo estigma interno e externo relacionado ao vírus COVID-19 e seus impactos, como:

- medo de outras pessoas decorrente do fato de que eles tratam pacientes com COVID-19;
- autoestigma dos profissionais de saúde quanto à expressão de suas necessidades, emoções e medos.

**Estigma (externo):** o estigma ocorre quando as pessoas associam um risco a uma pessoa, local ou coisa específica – como um grupo minoritário da população – e não há evidências de que o risco seja maior nesse grupo do que na população em geral. A estigmatização é especialmente comum em surtos de doenças. O estigma

afeta a saúde emocional ou mental dos grupos estigmatizados e das comunidades em que vivem, incluindo suas famílias. Coibir o estigma é importante para tornar os membros da comunidade mais resilientes e menos vulneráveis.

Grupos estigmatizados podem ser submetidos a:

- evitação social ou rejeição;
- negação de cuidados de saúde, educação, moradia ou emprego;
- violência física.

### 3. Conheça alternativas

O psicólogo deve estar atento a alguns pontos, assim podem ajudar a combater o estigma durante a resposta ao COVID-19:

- conhecer informações e aumentar a conscientização sobre o COVID-19, sabendo manejar o próprio medo e ansiedade;
- atuar conforme o código de ética, de modo a garantir o sigilo e confidencialidade das informações. Manter a privacidade e a confidencialidade daqueles que procuram assistência de saúde e daqueles que podem fazer parte de qualquer investigação de contágio;
- estar atento e ser cauteloso quanto ao tipo de informação acessada e compartilhada, de modo que esta não reproduza estereótipos;
- não reproduzir estigmas no momento do atendimento/acolhimento a profissionais de saúde;
- trabalhar com prevenção e psicoeducação, oferecendo informação embasada, de modo a reduzir o estigma em relação aos profissionais de saúde. Pode-se propor apresentações, discussões, simulações, entre outros, que visam a alterar atitudes e comportamentos em um nível mais amplo – social e/ou comunitário, levando à diminuição do estigma em relação aos profissionais da saúde.
- instrumentalizar o profissional de saúde a compreender situações de estigmatização como uma reação esperada e a reagir assertivamente divulgando formas efetivas de evitar o COVID-19. Afinal, quando apenas o profissional da saúde é percebido como mais “em risco”, as outras pessoas podem erroneamente acreditar que basta evitarem essas pessoas para reduzir seu próprio risco. Evitar o contato profissionais de saúde na comunidade não é uma forma efetiva de evitar a contaminação pelo COVID-19. A prática do distanciamento social, higienização das mãos e objetos, não tocar a face e uso de equipamentos de proteção individual são efetivos.

## 4. Acompanhe

Combater os preconceitos e estigmas têm sido um mote geral da atuação de uma psicologia socialmente comprometida. No entanto, pode não ser fácil a mensuração de sua redução no curto prazo.

Trabalhar para combater a estigmatização durante o enfrentamento do COVID-19. As mensagens devem reforçar os riscos reais associados ao contágio por meio de informações e conscientização precisas.

Este texto está disponível em <https://www.sbponline.org.br/2020/03/grupo-de-trabalho-gt-de-enfrentamento-da-pandemia-sbp-covid-19>.